

Estimad#s companheir#s,

Costuma-se dizer que o problema das esquerdas é justamente o “as”, isto é, a pluralidade de interpretações da realidade e de ações políticas. Considero, pelo contrário, que, em vez de problema, a pluralidade indica a riqueza de análises e reflexões que tanto podem ser complementares quanto divergentes, ampliando a compreensão da realidade histórica. O que nos une em nossa pluralidade é a compreensão da origem e das formas de exploração econômica, das exclusões sociais e políticas e de que ambas são inaceitáveis. Por isso o que une é, de um lado, a luta contínua contra as condições de nosso presente e, de outro, propostas de caminhos para supera-la, tendo como horizonte uma sociedade verdadeiramente democrática, isto é, criadora e garantidora de direitos, ampliando a idéia da cidadania para além de sua dimensão cívica. E, no nosso caso, o combate contra a polarização que estraçalha nossa sociedade, isto é, a divisão entre as carências de muitos e os privilégios de poucos. Essa cisão, hoje, se tornou mais do que uma fenda para se transformar num verdadeiro abismo de desigualdade e exclusão, quando doença, morte e desemprego marcam com seu selo tenebroso os corações e as mentes da maioria de nossa sociedade.

Vivemos um momento sombrio. Politicamente, o neoliberalismo é uma mutação destruidora da política republicano-democrática com o surgimento de uma nova extrema-direita planetária que opera por meio de um partido invisível cujos integrantes são oligopólios midiáticos, lideranças empresariais locais e globais, frações neoliberais dos partidos políticos tradicionais, intelectuais conservadores e fundamentalismos religiosos e cujo modo de funcionamento é horizontal, descentralizado e em rede, intervindo na política institucional pela ocupação dos centros de poder político por intermédio de indivíduos manipuláveis, situados na periferia do poder econômico propriamente dito. O governo de Jair Bolsonaro é exemplar dessa nova forma do poder de extrema-direita. Com ele, ocorre a privatização completa do que é público, o desprezo pelos programas sociais, a desinstitucionalização da república, a desqualificação e o descrédito da democracia, ameaçando a validade dos

parlamentos e das instituições jurídicas, promovendo manifestações contra ambos, ancorado em grupos milicianos de extermínio e na declaração de que o Brasil não tem o que construir, mas muito a destruir – do meio ambiente à vida de cada um de nós. Estamos sob a crueldade de um governo nacional marcado pela ignorância, pela estupidez, pela violência, pela corrupção, pela mentira e pelo deleite perverso diante da dor e da morte.

Pessoalmente, fiz a opção pela candidatura Boulos/Erundina não só pelo respeito que tenho por ambos como combatentes destemidos, mas porque tomaram a idéia de solidariedade como núcleo de sua proposta. Penso que essa idéia, em nosso presente, possui uma força simbólica e política de grande monta para uma unificação das esquerdas num projeto e num programa em que visões complementares podem encontrar um solo comum. De fato, em seu sentido pleno, solidariedade significa reconhecer o outro como nosso semelhante. Eticamente, significa reconhecer o outro como sujeito de direitos. Politicamente, significa a presença um princípio social, jurídico e cívico de reconhecimento da dignidade do outro. A unidade ético-política da solidariedade é o que permite aos seres humanos passar da condição de vítimas passivas à de agentes capazes de tomar seu destino em suas próprias mãos. E aprendemos com Marx que a mudança não pode ser feita **para** os trabalhadores e sim **por** eles.

São Paulo, 10 de agosto de 2020

Marilena Chaui